
A ARTE DO PALHAÇO CAREQUINHA

Roberto Rodrigues Ferreira Filho

Orientadora: Elza de Andrade

George Savalla Gomes ou, como é conhecido, Carequinha, palhaço que alcançou grande popularidade durante várias décadas no Brasil, teve sua origem no circo. Suas técnicas eram as mais tradicionais da chamada *palhaçaria* do circo: cuspir água, derrubar outro palhaço, se esconder na roupa, fazer graça. Alçado por muitos à condição de patrimônio da cultura brasileira, Carequinha inspirou dezenas de artistas. Seu carisma e poder de comunicação possibilitaram que, além dos picadeiros, atuasse também em veículos de comunicação de massa, como a televisão e o rádio. Por esses motivos, sua atuação atingia as mais diferentes classes sociais, difundindo o circo e o palhaço com a *missão de fazer rir e levar alegria* (Carequinha, 2005).

O palhaço tem o objetivo de promover o riso. Não um riso puramente satírico, mas um riso com função e qualidade de *nos recolocar diante da nossa mais pura essência* (Castro, 2005). Ao rir do ridículo no palhaço estamos rindo do nosso próprio ridículo, da nossa pequenez e imperfeição.

Segundo Bakhtin (1993) “o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riam”. Sendo assim, fazer rir, para o palhaço, é também uma função social. Os motivos cômicos são inúmeros: arma social, crítica camuflada, o prazer do jogo, otimismo perante adversidades, etc. O Palhaço é uma figura que não teme ser sincero e ridículo. Ele joga, troca, age e reage com a platéia, pois reconhece nela o seu reflexo, e quer por ela ser benquisto e amado.

Carequinha foi um dos poucos artistas de sua geração a passar incólume pela transição que deu à televisão a hegemonia antes ocupada pelo rádio na comunicação de massa. Impregnou de jogos seus programas infantis e suas músicas com brincadeiras e “bons conselhos”. Dizia ter criado um novo tipo de palhaço, um herói, que não apanhava, aconselhava e saía triunfante de suas estripulias. Certamente esse novo modo de enxergar o palhaço, foi inspirador para diversos comediantes brasileiros.

Inventei uma nova escola de palhaços. Até então as pessoas riam da desgraça do palhaço que a apanhava como ele só. Não gostava disso e virei o herói da história. Os outros se davam mal. Mas o Carequinha não.

Carequinha estabelecia o jogo e ditava as convenções, e sua sinceridade lhe propiciava a confiança do público para cantar, dançar e fazer graça, e soltar seus bordões. Público e o Palhaço viviam as relações da troca, que só são possíveis por meio de um inesgotável repertório técnico: as cenas devem fazer crer que tudo é acidental e não marcado.

George Savalla Gomes conseguiu atingir milhões de brasileiros através do domínio

de uma arte milenar; arte essa que está embutida em todo ser humano: a arte de fazer rir. Ao estabelecer a *relação de cumplicidade* (Castro, 2005) necessária para o riso, Carequinha unia, pela comicidade, num mesmo ritual, pessoas de diferentes estratos sociais. Esta aproximação era possível não só pelo emprego das técnicas por ele utilizadas (ora cativando, ora ridicularizando), mas principalmente através da sinceridade que faz parte do jogo cênico do Palhaço. Um dos objetivos dessa pesquisa é investigar algumas das técnicas usadas pelo Palhaço Carequinha ao longo de sua carreira, tentando detectar o que permaneceu, o que modificou e os principais artistas que foram por ele inspirados. Para isso pretendo levantar materiais relevantes sobre o artista, tais como: entrevistas, filmes, programas de televisão, iconografia e outros documentos.

Julgo também necessário que uma parte da pesquisa seja prática, de modo a possibilitar um diálogo com a teoria que amplie o caráter do trabalho. Seu objetivo é possibilitar um aprofundamento de algumas técnicas pesquisadas do Palhaço Carequinha, fornecendo assim subsídios teórico-práticos para futuros estudos dessa arte milenar que nunca cessará, e que se modifica ao passo que a civilização se transforma.

Espero, também, contribuir para que a arte do palhaço seja reconhecida em toda a sua grandeza, pois, ao contrário da imagem que comumente se tem, a “palhaçaria” não se dá de forma espontânea e natural. Ela é uma técnica apurada pelo artista após anos de treinamento e aprendizagem, que pode contribuir também, significativamente, para a formação do ator.

BIBLIOGRAFIA

- ANVERSA, Marcus V. A. “Carequinha, um dos heróis pioneiros da televisão brasileira”. In: Revista TV Séries. Porto Alegre: FCF, novembro, 2000.
- BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e o no renascimento: o contexto de François Rebelais*. São Paulo: Huicitec, 2002.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade média: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CASTRO, Alice Viveiros de. *O elogio da bobagem (Palhaços no Brasil e no Mundo)*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.
- HOMERO, T. Guião Filho. *O circo do Carequinha*. Rio de Janeiro: INACEN, 1995.
- LIBAR, Marcio. “Teatro de rua, circo e comicidade popular: uma reflexão artística”. In: De Anônimo 15 anos. Rio de Janeiro: Editora Lena Frias, 2002.
- MINOIS, George. *Festa do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- RABETI, Beti (Maria de Lourdes Rabetti) “Memórias e cultura do “popular” no teatro: o típico e as técnicas” . In: O Percevejo – revista de teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT; ET, 2000. p.3-8 (ano 8, N.8)
- RUIZ, Roberto. *Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil*. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.
- TORRES, Antonio. *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.